

agosto
2025

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

de
Cristian
Duarte

BIOGLOMERATA

de
Rafaela
Sahyoun

FÔLEGO



Ministério da Cultura, Prefeitura de São Paulo através da Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
Fundação Theatro Municipal, Sustenidos e Nubank apresentam

14 E 15 AGO 20H

16 E 17 AGO 17H

BALÉ DA CIDADE
DE SÃO PAULO

ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL*

*Participação apenas na
coreografia *BIOGLOMERATA*

BIOGLOMERATA

Cristian Duarte
coreografia, direção e espaço cênico

FÔLEGO

Rafaela Sahyoun
concepção, direção e coreografia

PULSÃO DE UM UNÍSSONO ASSIMÉTRICO

Alejandro Ahmed Diretor do Balé da Cidade

NO PROJETO ARTÍSTICO do Balé da Cidade de São Paulo, as remontagens marcam uma prática de continuidade e expansão dos modos de fazer e de compreender o repertório. Remontar uma peça da companhia abre a oportunidade de revisar seus parâmetros de existência, ao mesmo tempo em que aprofunda os fundamentos estruturais que cada obra propõe ética e esteticamente.

Sob essa perspectiva, coreógrafos e coreógrafas, assistentes de movimento e direção revisitam as criações para verticalizar e sedimentar, com frescor, as variáveis norteadoras que marcaram suas estreias no Theatro Municipal.

Nesta temporada, apresentamos *BIOGLOMERATA* (2024), de Cristian Duarte, e *Fôlego* (2022), de Rafaela Sahyoun.

BIOGLOMERATA retorna aos palcos com a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) sob regência do maestro Alessandro Sangiorgi e o músico convidado,

Tom Monteiro, revitalizando um uníssonos de contágios e fantasmas – da dança e de si. Nesta remontagem, com um elenco ampliado para 24 bailarinos e bailarinas, a obra se desenrola como uma multiplicação celular: singularidades que emergem de um mesmo material coletivo.

Fôlego também ocupa novamente o palco do Theatro Municipal, reunindo 16 intérpretes, em um movimento que antecede sua circulação pela França em setembro. Com uma pulsação constante que reverbera no espaço e no reflexo espelhado da cena, a obra ritualiza o ato de respirar em sua incorporação gravitacional, dançando o espaço emocional e externo num estar-junto sinuoso e convidativo.

Renovar e preservar como elos inseparáveis no tempo e nas políticas de continuidade. É nesse lugar que a dança se reafirma no palco do Theatro Municipal de São Paulo, oferecendo um novo olhar sobre o gesto coreográfico que atravessa tempos e corpos.





BIOGLOMERATA

BIOGLOMERATA retorna para ser reencenada com a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo (OSM), sob a regência do maestro Alessandro Sangiorgi e adaptações musicais de Tom Monteiro e Carlos Bauzys. A obra ressignifica e adapta o conceito original de *Biomashup*, estreada em 2014 durante uma residência de Duarte pelo Lote, na Casa do Povo. Esta recriação para o Balé da Cidade de São Paulo (BCSP), cuja estreia ocorreu em 2024, oferece uma nova perspectiva ao repertório da companhia. Nessa versão, o elenco utiliza memórias de danças, gestos e referências para interagir com a música e com um ambiente em constante transformação, ampliando a compreensão dos tempos históricos. Os corpos dos bailarinos funcionam como forças dinâmicas, criando configurações transitórias que envolvem a percepção contínua do público. O músico Tom Monteiro, usa o theremin – um instrumento eletrônico que permite a produção de sons sem contato físico – para introduzir uma dimensão ética à performance em que o invisível se torna um elemento essencial para a experiência artística.



Cristian Duarte

coreografia, direção e espaço cênico

Aline Bonamin

assistente de coreografia

Tom Monteirotrilha sonora – composição original para
orquestra e theremin**Carlos Bauzys**

orquestração

Alessandro Sangiorgi

regência

André Boll

desenho de luz

Cristian Duarte em companhia de **Aline Bonamin**
e **Lucas Lagomarsino**, em colaboração com
Ateliê Vivo – **Andrea Guerra**, **Carolina Cherubini**,
Flávia Lobo e **Gabriela Cherubini**
figurino

Diego Dac

produção cenográfica

Alyne Mach, **Ana Beatriz Nunes**, **Bruno Rodrigues**,
Carolina Martinelli, **Cleia Santos**, **Érika Ishimaru**,
Fábio Pinheiro, **Grécia Catarina**, **Leonardo Muniz**,
Leonardo Silveira, **Leonardo Polato**, **Luiz Felipe**
Crepaldi, **Luiz Oliveira**, **Marcel Anselmé**, **Marina**
Giunti, **Marisa Bucoff**, **Odu Ofá**, **Rebeca Ferreira**,
Renée Weinstrof, **Safira Santana**, **Silvia Kamyla**,
Uátilla Coutinho e **Victor Hugo Villa Nova**
elenco

DURAÇÃO APROXIMADA 45 MINUTOS



REVISITAS, MEMÓRIAS E REPERTÓRIO. OS MAIS DE DEZ ANOS DE HISTÓRIA QUE NOS TRAZEM ATÉ *BIOGLOMERATA*

BIOGLOMERATA RETORNA AO PALCO do Theatro Municipal mergulhando no que considera fundamental para a construção da obra: o espaço, a memória e a percepção. Um convite para tocar em repertórios de gestos, individuais e coletivos, em uma construção permanente de presenças e sentidos.

Confira abaixo a conversa que tivemos com Cristian Duarte sobre o retorno de sua obra e o processo de remontagem.

Nossa proposta para este programa de sala é trabalhar sobre o processo de criação e, principalmente, o processo de remontar uma obra. Mas, antes, acho importante falar sobre o surgimento da coreografia. Qual foi o ponto de partida e como *Biomashup* se tornou *BIOGLOMERATA*?

É importante voltar um pouco mais no tempo. Antes de *Biomashup*, em 2011, eu tinha feito um solo chamado *The Hot One Hundred Choreographers* (Os Cem

Coreógrafos Mais Quentes), em que mergulhei em cem referências da dança. Um solo autobiográfico que, de certa forma, marca minha trajetória. São cem referências que me impulsionaram a ser o artista da dança e o coreógrafo que sou. Então, *Biomashup* veio como um desdobramento dessa pesquisa.

Foi e continua sendo a oportunidade de acessar um trabalho de um outro tempo. *Biomashup* aconteceu em 2014, estava iniciando um trabalho com um novo grupo de seis bailarinos e a colaboração do Tom Monteiro na música. Isso já diz o papel central que a música tem na peça, até de uma forma literal – o Tom e o theremin estão no centro do palco durante boa parte da coreografia.

O desafio começa em me colocar de fora do palco para dirigir outras pessoas, acessar o repertório biográfico de outras pessoas. É desta busca que vem o nome bio. Mashup nasce de uma conversa com o Tom. Na música, esse termo representa mistura, sobreposição de camadas. Dessas duas palavras e seus significados nasce *Biomashup*, uma coreografia que busca o repertório biográfico em cada bailarino e, no desenrolar da peça, essas referências vão se misturando, se cruzando. Uma coreografia em que a música tem o mesmo peso que a dança. Tom está sempre presente dançando a música que cria.

Na primeira versão para o Balé, no ano passado (2024), eu sabia que não conseguiria montar a obra com o mesmo grau de fidelidade do que foi *Biomashup*. Eram outros corpos, outras histórias e outro tempo. Passaram-se dez anos, mas o que se manteve é esse olhar para referências do passado. Aquilo que nos impulsiona a fazer nossas escolhas estéticas, formas de trabalhar, os tipos de práticas que vou desenvolver para gerar qualidade de movimento. Isso continua até hoje.

BIOGLOMERATA propõe esse mesmo lugar, entrar no repertório. As improvisações no ambiente que o bio propõe. A presença do Tom e o theremin também se repete, promovendo um espaço de reverberação em negociação constante com o seu entorno.

Para o Balé da Cidade, a atualização já é revelada no título – *BIOGLOMERATA*. Em 2014 não era uma questão para mim usar uma palavra em inglês, atualmente é, por muitos motivos, mas creio que o mais relevante seja a intenção de acessibilizar o título, mesmo com pessoas se perguntando o que é o bioglomerata, mas o falar soa mais familiar, mais próximo do português.

Glomerata parte de um lugar de aglomeração, de convocar para um mesmo lugar uma série de coisas que podem ser distintas. Vejo a aglomeração

como um modo de organizar os arquivos de referências. Mesmo com o questionamento se há organização em aglomeração e eu acredito que sim, só existe uma tensão maior no que diz respeito a ideia de organizar.

O que significa remontar uma obra para você? Revisitar ou remontar *BIOGLOMERATA*?

Remontagem é uma oportunidade de fazer com que a obra exista. Uma obra de dança só existe quando ela acontece junto do público. Nas artes vivas, registros em vídeo e fotografias são possibilidades de documentação, mas não podem oferecer a experiência que a dança e uma coreografia propõem. Acredito ainda que remontar seja um gesto político, que desafia o status quo do nosso tempo bastante pautado pelo consumo do novo.

Novas presenças geram uma nova forma de ocupar o espaço e, nessa peça, o espaço é agente propulsor o tempo inteiro. Falo de um agenciamento de espaço, porque metade da partitura não é marcada espacialmente. Existe uma autogestão dos bailarinos e com mais gente esse processo se torna um desafio muito maior.

Em 2024, saí muito feliz com o resultado, e agora com a entrada de mais pessoas, estamos vivendo um misto de remontagem com criação, pois essa peça permite, e necessita, absorver o universo poético, o repertório e a singularidade de cada artista em cena. Poderia dizer que se trata de uma nova oportunidade de continuar escavando a proposta, gerando novas perguntas, esculpindo novos detalhes.

Agora, com mais pessoas, outras ideias surgiram, outros desafios espaciais para criar uma formação que dê leitura visual surgiram. Essas adições também fizeram eu transformar as ideias e as referências para a peça de agora, 2025.

Esses desafios nos levam para lugares que precisam de mais precisão. Estou encarando dessa forma essa nova versão da peça: um novo desafio. Achei um lugar que é interessante. Dará bastante trabalho? Sim, mas essa nova possibilidade devolveu pra mim a oportunidade de ter outro olhar e pensar coisas novas.

Essa é a magia de remontar uma obra. É maravilhoso fugir dessa lógica do sempre novo. No meu repertório, é impossível trazer um olhar ou pegar algo embalsamado, como se nada tivesse acontecido. Meus trabalhos são amparados no momento histórico em que eles aconteceram. Algumas ideias nascem por causa daquele tempo específico. Não consigo não atualizar o trabalho quando sou convidado a revisitar um repertório.

Nessa nova montagem, o público verá *BIOGLOMERATA* ainda mais “aperfeiçoada” em termos técnicos ou será uma oportunidade de mudar, expandir e alterar a obra?

Em *BIOGLOMERATA*, estou vivendo dois momentos: revisitar dez anos atrás e o agora com o corpo do Balé da Cidade. São outras narrativas, outras demandas. Penso muito nas histórias, nos corpos e o que foi a peça dez anos atrás e o que chega comigo hoje aqui com o Balé no Theatro Municipal.

Precisei filtrar muitas coisas como o figurino, por exemplo. Antes de chegar aqui, já pensava o que seria o figurino de *BIOGLOMERATA*, precisava pensar por outra perspectiva, pois o lugar demanda outro tipo de vestimenta. Dessa mudança surge a ideia de usar roupas do acervo do próprio Theatro Municipal, da história do Balé da Cidade.

Esse figurino do acervo vem com certo desgaste e isso é fundante em *BIOGLOMERATA*. O tempo desgasta, a peça pede esse resgate da memória e a memória tem perda. Ao mesmo tempo, esse figurino precisa dialogar com o espaço onde ele será apresentado. O Theatro Municipal tem o veludo, tem o dourado, não é um espaço precário, diferente do espaço que fui *Biomashup*.

Nós partimos para a Central Técnica em busca de peças que poderíamos transformar, tirar partes dela. Tem um colete do Dom Quixote do qual tiramos suas mangas. Existem tecidos que eram usados em cenários que transformamos em calças, pedaços de veludo que viraram um maiô. Então, nesse sentido, essa versão de *BIOGLOMERATA* conversa com a parte que falta desse figurino. Existe a criação desses novos figurinos, ao mesmo tempo que existem figurinos que estão trocando de corpo.

A entrada desses nove bailarinos me levou além de uma “mexidinha”, é um “mexidão” que gerou novas geometrias, algumas delas bem radicais. O público que viu ano passado perceberá claramente essas novidades.

Ainda pensando na remontagem, quanto importante é retornar com o Balé da Cidade para mais uma temporada?

O retorno cria uma nova perspectiva de trabalho. Um ano se passou, pessoas mudaram e coisas aconteceram. Os bailarinos do Balé da Cidade trazem sua diversidade, leitura, repertório, gestual, enfim, cada um em seu próprio universo tem a uma nova oportunidade de reapresentar sua dança. Hoje enxergo o Balé da Cidade com mais diversidade no elenco do que foi na época que eu era público. En-

tão, *BIOGLOMERATA* tem essa responsabilidade de dar leitura para essa diversidade. Isso faz com que minha tarefa seja mais árdua, olhar com mais cuidado para cada singularidade que existe no Balé da Cidade e transparecer na peça essas diversas singularidades de uma forma harmônica.

BIOGLOMERATA são 45 minutos em que ninguém sai de cena. É como um mergulho no mar em direção à uma ilha. Entre onde você começa e onde você termina não há parada para que você deixe de estar molhado. Você pode diminuir o ritmo, passar por lugares onde a sensação de protagonismo é menor, mas não há saída, não existe lugar onde o você deixe de fazer parte desse tecido.



AGORA PASSOU

Bruno Levorin

É filho de Angelina e Eduardo. Trabalha com pesquisa e criação na área da dança contemporânea, dramaturgia e crítica cultural

TALVEZ NÃO SEJA ESTRANHO, e tampouco surpreendente, dizermos que a grande questão da dança é o movimento. É a partir das perguntas sobre o movimento e suas compreensões que, em geral, os trabalhos em dança começam a organizar sentidos dramáticos e coreográficos. Por conta de sua constituição fugidia, a noção de movimento acaba sendo muitas vezes apresentada em outras palavras, temas e conceitos. Assim, dançamos através da história, diferenciando e singularizando os seus modos de aparição na forma como representamos e nos relacionamos com essa fugaz manifestação.

Desde a expansão da física mecânica, na linguagem cotidiana, se tornou dominante a aproximação dos verbos “mover” e “deslocar”. Embora próximos, eles não são idênticos. A ideia de movimento está mais relacionada à transformação do que à travessia que um corpo percorre entre diferentes pontos no espaço.

Pensemos, por exemplo, no corpo morto, suposto arquétipo da estaticidade. Apesar de aparentar imobilidade, ele não está imóvel. Tampouco é correto dizer que ele desaparece com a passagem do tempo. O corpo morto se transforma tão radicalmente que chega a diluir o seu próprio contorno. Esse movimento não está no seu deslocamento macroscópico, mas na transformação de sua forma, significado e de seus modos de relação com a sua e as outras vidas que o constituem.

Cristian Duarte é um coreógrafo obcecado pela transformação. Sua dança parte da tentativa de tornar visíveis, tanto para os bailarinos quanto para o público, os processos de mudança sutil e explícita que os corpos mobilizam no momento em que eles se arriscam. Esse risco nasce, sobretudo, das relações estabelecidas e do exercício em formular perguntas, dançadas em tempo real, sobre o passado, o presente e o futuro de cada um dos movimentos disponibilizados no palco.

Em *BIOGLOMERATA*, o espetáculo apresentado nesta temporada do Balé da Cidade, quando, por exemplo, uma pessoa faz um *plié*, passo do balé que consiste em dobrar os joelhos, ativa tanto a memória do seu treinamento técnico quanto a dimensão que aquele gesto carrega como arquivo sensorial. Qual foi a sensação que tive desse gesto quando o vi sendo realizado pela primeira vez quando criança? E quando o realizei na sala de ensaio pela última vez? O que significa praticá-lo com a intenção de tocar uma lembrança tão próxima e tão distante do agora?

Ao mesmo tempo, enquanto dobra e agacha, o bailarino também indaga sobre os “comos” do passo no instante. Como este *plié* exige a atenção de todo o meu corpo (dos pés ao olhar) para ser executado? Como cada escolha que posso realizar – como, para onde olhar, onde e como estão as minhas mãos e meus braços – altera sua resolução, sensação e leitura? Por fim, o futuro também se apresenta junto e misturado. No momento em que a bailarina se movimenta, ela percebe que o depois já está acontecendo no agora. Para onde o gesto me impulsiona a seguir? Como e por que continuar daqui para os lados, junto daqueles que estão comigo nessa dança?

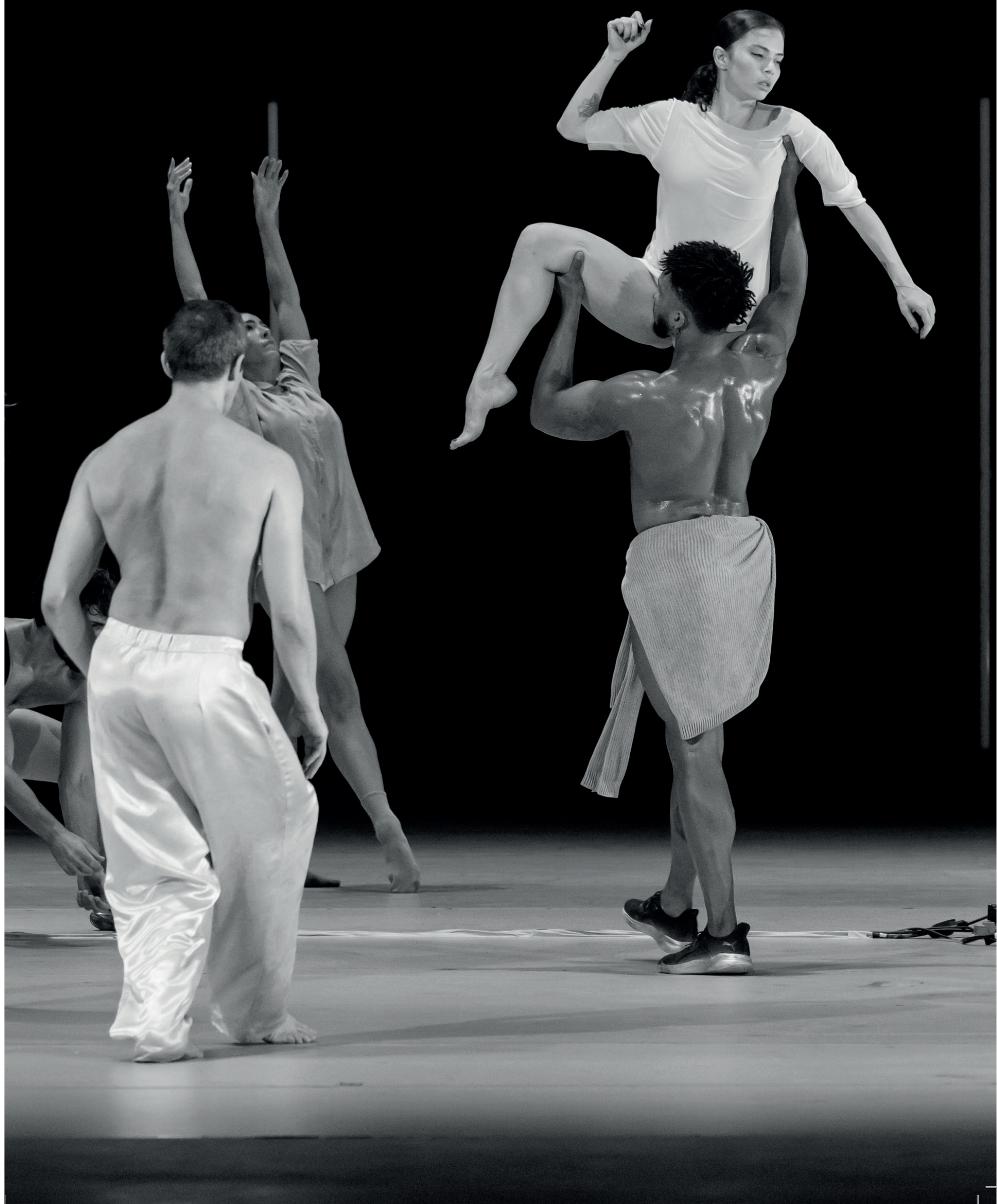
O espetáculo é uma prática ética e coletiva sobre o movimento e suas temporalidades. Tempo que, de forma aglomerada, torna gasosa e musical a nossa percepção. Passado, presente e futuro aparecem como partículas rarefeitas que permeiam e vibram uns os lugares dos outros. Cada gesto respira uma nuvem com antes, durante e depois que vai sendo materializada, como discurso, enquanto dança, theremin (instrumento capaz de variar a frequência do som a partir da distância entre suas antenas e as mãos do músico Tom Monteiro) e orquestra.

Nós, enquanto público, ao respirarmos junto com os intérpretes e os músicos, somos provocados a fazer dos nossos modos de ver dança parte ativa da criação que se apresenta em contínuo estado de composição. Reparando os diferentes fluxos corporais e temporais que se sobrepõem e se alteram no trabalho, vamos movendo e removendo o nosso olhar sobre aquilo que está acontecendo de forma processual, fazendo com que o começo e o fim de cada ação seja indefinido.

É diante dessa proposital indefinição espacial e constante impermanência da captura do nosso olhar, que o cuidadoso trabalho de Cristian Duarte, com a precisa assistência de Aline Bonamin, nos leva a perguntar: como foi que as nossas vidas e seus movimentos foram reduzidos às imagens das experiências individualizadas, categóricas e com inícios e fins demarcados de forma tão absoluta?

Enquanto assistimos aos bailarinos praticarem suas transformações, *BIOGLOMERATA* nos oferece a oportunidade de percebermos como, dentro e fora dos palcos, ao perguntarmos sobre os nossos movimentos e suas relações infinitas, podemos criar outros modos de dançar as nossas vidas incontornavelmente passageiras.

Vida longa à aglomeração que vive e dança.







Fôlego

Da radiação dos corpos, um contínuo tornar-se.

Fôlego é contágio, negociação de desejos, assimilação – um inesgotável influxo oscilatório de acontecimentos hipnóticos de afetos. Tentativas constantes de narrativas coexistirem.

O pulso na obra atua como sustentáculo: urdido por intensidades em transformação gradual. No rebote, os vetores irradiam presenças em relação, expandindo um fluxo de movimento que não se encerra na forma, mas continua a se revelar como potência relacional.

Fôlego é o que passa entre aquilo que acontece – em estado de coindividação, é a eletricidade nos corpos emergentes das atualizações presentes no espaço. Tensão e vir-a-ser, tecidos por paisagens simbólicas e sensoriais em contínua emergência.

Corpo-raio.

O coletivo se compõe no acontecimento latente – entre aproximações e distâncias; reverbera na insistência em escapar da imobilidade que mora na individualidade.

No limiar da exaustão, a força coletiva irrompe – combustão que atravessa todos. O êxtase não é recompensa, mas avivamento: quando os corpos catabolizam o excesso, o esgotamento ascende à presença radical.

Numa dramaturgia de força propulsora, *Fôlego* evoca o erotismo de se estar vivo.



Rafaela Sahyoun

concepção, direção e coreografia

Inês Galvão

assistente de criação e coreografia

Yantó

trilha original, produção musical e montagem sonora – inclui trechos de obras de The Field (Axel Willner)

Aline Santini

desenho de luz

Karina Mondini – Tela Studio SP

figurino

Tomás Faria

agradecimentos

Ana Beatriz Nunes, Ariany Dâmaso, Camila Ribeiro, Carolina Martinelli, Fabiana Ikehara, Grécia Catarina, Guttiele Ribeiro, Isabela Maylart, Jéssica Fadul, Leonardo Silveira, Luiz Felipe Crepaldi, Marcel Anselmé, Márcio Filho e Marisa Bucoff

elenco

DURAÇÃO APROXIMADA 40 MINUTOS



FÔLEGO, O PULSO QUE RESSOA NOVAMENTE NO PALCO PRINCIPAL DO THEATRO MUNICIPAL

FÔLEGO É UMA PEÇA que carrega o público à euforia por sua intensidade musical e de movimento. A pulsão que conecta o grupo de bailarinos, irradia uma força propulsora. Presenciar essa coreografia é outra grande oportunidade de conhecer o trabalho e pesquisa de Rafaela Sahyoun.

Confira abaixo a conversa que tivemos com a coreógrafa sobre o retorno de sua obra e o processo de remontagem.

Nossa proposta para este programa de sala é trabalhar sobre o processo de criação e, principalmente, o processo de remontar uma obra. Mas, antes, acho importante falar sobre o surgimento de *Fôlego* lá em 2022. Qual foi o ponto de partida, os estudos, as referências e como *Fôlego* é um trabalho resultante da sua pesquisa sobre dança e corpo?

O convite para criar uma obra inédita para o Balé da Cidade de São Paulo surgiu no contexto da celebração dos 40 anos do Centro Cultural São Paulo, em maio de 2022, concebida para a Sala Adoniran Barbosa. Foram três semanas de criação no estúdio da EDASP, cujo espaço reduzido impôs uma condição parti-

cular para a construção coreográfica, ao mesmo tempo em que investigávamos a multidimensionalidade da sala de espetáculo. A plateia térrea abrigava o público em dois lados; a superior, em quatro.

Era 2022, e os rastros vorazes da pandemia se impunham — não apenas como colapso sanitário, mas na exposição brutal das fissuras de um mundo adoecido, que escancarava a face necropolítica de um sistema desigual e opressor. A obra nasce desse solo fraturado, em que a vontade de suporte não é gesto paliativo, mas prática ativa de resistência coletiva.

Mas o convite do CCSP e do Balé da Cidade falava em “celebração”. Revisitar a história do CCSP me trouxe pistas para pensar uma dança urgente de encontro — não como representação, mas nos modos de atravessar a obra a partir de um campo de interação em que alteridades não se apagam, mas sustentam algo que surge da relação. Entendi que era preciso propor procedimentos que movessem o coletivo, em que cada pessoa encontrasse força e suporte na presença da outra — não para unificar, mas para atravessar juntos a composição e as implicações do mundo. Tornou-se fundante que ninguém deixasse a cena, que

não houvesse solos. O movimento ganharia fôlego na insistência de uma presença compartilhada, em que a vibração de um corpo coletivo não nega as diferenças, mas as compõe.

No processo de criação, sondamos dinâmicas generativas de estados vibráteis que se manifestavam por contágio — o gesto propagado, dimensionado por transformações gradativas. Pensando o espaço não como lugar, mas como campo de acontecimento; pensando a dança que não se encerra no próprio corpo, mas que se propaga para além dele. Assim, fomos traçando uma cartografia de sistemas de afeto — dos corpos e das relações — onde os elementos que compõem a obra — a luz no espelho e a trilha — manifestam a malha vibrátil do todo, em consonância com um interesse que me atravessa há tempos: o das dramaturgias sinestésicas.

O conceito de suporte se revela em toda a obra, incorporado como condição sensível e relacional de existência. Seja no toque consentido, nos modos de interação ou na tecnologia do rebote — enquanto recurso de sustentabilidade para lidar com as forças que a continuidade incessante do movimento provoca.

A partir desse mapa inicial, convoco o conceito de pulso para compor a movimentação sinestésica de *Fôlego*. Pulso, enquanto força organizadora — uma condição constante, ininterrupta e modulável. Dispositivo vivo que se autorregula enquanto coexiste.

O que significa remontar uma obra para você?

O tempo de criação de *Fôlego* foi originalmente de apenas três semanas — no limite do impossível. Para falar da remontagem hoje, é preciso contextualizar nossa primeira travessia: do CCSP ao Theatro Municipal. Em 2023, remontamos a obra num curtíssimo espaço de tempo — minha primeira experiência naquele palco, que até então me era inacessível. Cinco novos bailarinos integraram a massa pulsante da cena, fortalecendo enormemente o elenco inicial. A premissa daquela adaptação era não perder a multidimensionalidade conquistada na relação com a Sala Adoniran Barbosa, mesmo diante da bidimensionalidade do palco italiano — e, sobretudo, instaurar uma experiência imersiva.

Hoje, em 2025, a remontagem abre uma pequena fresta para o reencantamento: reativar as forças que compuseram a obra, convocando-nos a reavivar suas matrizes à luz das infiltrações do tempo presente com o que pulsa como relevante agora.

Remontar me convoca ao exercício de não olhar a obra isoladamente, mas compreendê-la dentro de

um ecossistema de conhecimentos que o Balé da Cidade vem coelaborando. Três anos se passaram e, como todo processo criativo deixa rastros, sinto *Fôlego* sendo atravessado pelo que foi mobilizado nesse intervalo — pelas trocas de experiências, corpos e saberes que se somaram. Aprendi, nesse percurso, que o processo não termina na estreia — ele se prolonga no tempo de digestão das experiências, no rastro que elas deixam nos corpos dos bailarinos e que atravessam o desdobrar de outros processos. É essa ressonância em contínuo relacional que me toca.

Diante deste espectro de transformações — micro e macro —, penso que uma remontagem pode ser menos sobre preservar e mais sobre recalibrar, de permitir que seus fundamentos sejam realocados à altura do agora. É preciso escutar o que permanece, o que resiste, e também o que quer mudar.

O grupo abraça *Fôlego* no labor diário com imensa entrega aos acontecimentos. Isso me emociona. Me faz insistir. Assim como na própria obra, é um gesto de persistência.

Nessa nova montagem o público verá *Fôlego* ainda mais “aperfeiçoado” em termos técnicos ou será uma oportunidade de mudar, expandir e alterar a obra?

A ideia de “aperfeiçoamento técnico” sugere uma linha evolutiva, mas o que proponho é outra lógica: desestabilizar estruturas cristalizadas e permitir que a composição se reinscreva a partir das condições que emergem. Nesta temporada, cinco bailarinos atravessam a obra pela primeira vez — e, nesse gesto, reencontramos margens para atualizações. Tem sido sobre lidar com os sistemas ativos da coreografia, e não com a ideia de fidelidade a uma versão anterior. Toda vez que o trabalho entra em contato com um novo corpo há refração, deslocamento, reconfiguração de códigos.

Essa remontagem acontece em pequena escala — com três obras do repertório ensaiadas simultaneamente, o tempo em sala é compartilhado entre elas, o que define o espectro das possibilidades. Ainda assim, percebo que o processo tem aberto um campo de aprofundamento nas tecnologias do próprio trabalho, circulação dos saberes e vínculos. Acredito que isso também se relaciona com a experiência recente de *BOCA ABISSAL*, em que elementos fundantes dessas tecnologias foram intensamente pesquisados, criando uma base desperta para revisitar a obra.

Estudar a obra tem trazido um campo de instabilidade que me interessa justamente pelo que escapa, trata-se de gerar novas condições para algo surgir. Não estou interessada em uma versão ideal da obra, mas no que se transforma com a intimidade das matérias em jogo, nas perguntas que surgem quando tensionamos novamente o que já foi. Um tanto de redescoberta do que se pensava saber. Há algo muito vivo nisso.

Em março tivemos *BOCA ABISSAL* e agora *Fôlego*. Isso é importante e relevante. Como você se sente em relação a isso?

Leio este acontecimento como gesto de uma política que aposta na continuidade de processos e pesquisas — instaurando um campo de corresponsabilização, confiança e risco compartilhado; pautado por um ecossistema em coelaboração.

Como me sinto? Me sinto atravessando muitos aprendizados, que incluem erros e acertos e um tanto de habilidades de adaptação que tive que aprofundar.

Essa é uma grande oportunidade diante da instabilidade que é estar implicada no labor de pesquisas artísticas de modo independente — e do desejo persistente por estruturas de suporte que possibilitem seguir investigando e praticando em rede.

Está sendo possibilitada uma retroalimentação processual que não se limita às obras em si, mas às tecnologias que se infiltram nelas — e que oferecem condições de aprofundamento para todos os envolvidos.

Em tempos em que o sistema das artes tende à rotatividade, ao excesso de novidade, à descartabilidade, abre-se uma fissura concreta nos modos de operação mercadológica. Mesmo sabendo que estamos de passagem pela companhia — com começos e fins — o que permanece são os corpos atravessados, os saberes circulados que ultrapassam as temporadas.

E há aqui outra dimensão política. A confiança atribuída às mulheres criadoras ainda é rara nesse contexto. Dividir a noite com outra artista mulher — como aconteceu com *tão carne quanto pedra*, de Michelle Moura, e *BOCA ABISSAL*, em diálogo com o projeto Antes da Cena, trazendo a pesquisa de Paula Petreca Por que Falar de Coreógrafas — confronta diretamente o protagonismo masculino institucionalizado. Impulsionar a atuação de mulheres criadoras em fricção contínua com as materialidades que mobilizam não deveria ser exceção, mas sinal de uma política cultural ainda incipiente — que carece

de consistência para sustentar a presença e a trajetória delas em toda a sua diversidade.

Para concluir, estar envolvida em duas criações só foi possível por estar em equipe com os colaboradores, que insistiram intensamente nesses processos ao meu lado, e amparada pelas equipes da instituição no trato do dia a dia. Obrigada a todas as equipes e a cada bailarino por tanta dedicação e parceria.

Como *BOCA ABISSAL* e *Fôlego* dialogam entre si? Há um diálogo? Pensando na sua carreira como um todo, o que essas duas coreografias presentes na Temporada 2025 do Balé da Cidade dizem sobre sua pesquisa e “visão” do corpo, espaço, movimento e dança?

Fôlego e *BOCA ABISSAL* compartilham o mesmo impulso: ativar o que afeta — aquilo que escapa à cena e não se cristaliza nela. São obras que operam com dramaturgias sinestésicas, interessadas em mobilizar afetos pré-cognitivos, antes mesmo de serem nomeados — tocando zonas de percepção ampliada. A plateia participa desse espectro, não como observadora externa, mas como parte de um campo de ressonância e aproximação.

Ambas se fundamentam em uma visão do corpo como sistema aberto, e do gesto como frequência vibrátil — em estado de contágio, propagação e reorganização constante das relações presentes no espaço. O pulso é o fundamento coreográfico que atravessa as duas obras: é a matéria por onde o corpo opera a dança, sustentando a composição em rede integrada.

Para além dos aspectos sistêmicos e anatômicos, o pulso aqui é uma aposta radical estruturante: ele ativa um modo político de relação e agenciamento, convocando formas de sustentação coletiva.

O coletivo está presente o tempo todo, modulando variáveis específicas em cada obra. É nesse campo de interconexão, em que os corpos se adaptam, negociam e respondem em tempo real, que a forma ultrapassa seu caráter fixado. As composições acontecem na instabilidade, na abertura à presença do outro, para além do movimento que se dança junto.

Essas obras não esgotam uma pesquisa, nem a inauguram. Elas integram um percurso contínuo de investigação e práticas que insiste em tratar o espaço cênico como zona dialógica, compondo danças que, ao mesmo tempo em que são performadas, se configuram também como práticas de afetação em tempo real.



POÉTICA PULSO

Luciane Ramos-Silva

Artista da dança, antropóloga e professora
do Departamento de Dança da Universidade
Estadual de Campinas

EM DIAGONAL, OS CORPOS VIBRAM COMO FAÍSCAS — GESTOS QUE ACENDEM
O ESPAÇO COM INTENSIDADE INCANDESCENTE. OS JOELHOS EM MOVIMENTO
CONSTANTE CONDUZEM O CALOR E O TRONCO REVERBERA COMO UM TAMBOR
PRESTES A EXPLODIR EM DESEJO. AOS POUCOS, MÃOS E BRAÇOS APROXIMAM-SE,
TOCAM-SE COM LEVEZA E SUSTENTAM-SE MUTUAMENTE. NO GESTO COMPARTILHADO,
O PULSO SE INTENSIFICA, ACELERA OU AGALMA — UM RITMO VIVO.

ESTA CENA DE FÔLEGO, obra concebida por Rafaela Sahyoun em 2022, condensa alguns dos princípios fundamentais que atravessam o espetáculo em sua totalidade. Nela, a fisicalidade marcante e relacional dos movimentos expressa uma forma de pensamento incorporado.

A obra manifesta uma poética atravessada por dimensões existenciais e pedagógicas que Sahyoun articula de modo sensível na tessitura da dança. Esses princípios não estão apenas nas escolhas formais das composições ou nos dispositivos coreográficos: eles emergem, sobretudo, da materialidade do gesto e da presença que se estabelece em cena. Esses fundamentos agora retornam com força renovada nos corpos do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) que, após revisitar a metodologia da coreógrafa para a criação de *BOCA ABISSAL* – no primeiro semestre deste ano –, reestreadam *Fôlego*.

O BCSP, que acompanho desde o final dos anos 1990, navega atualmente em escolhas estéticas e políticas mais experimentais e, talvez, radicais diante sua longa história, traz na obra *Fôlego* um traço singular – uma dança que se aproxima da terra, do chão, pesando a bacia, dobrando os joelhos – como quem escuta o corpo por dentro e transgride a verticalidade rígida associada a concepções hegemônicas de corpo e movimento. Trata-se de um gesto que desafia o controle, a linearidade, e a busca por sentidos de ordem e progresso que marcam tradições epistemológicas da dança historicamente tomadas como medida universal. Em *Fôlego*, o corpo se permite curvar, esquivar e descer (sem sucumbir), propondo formas de coabitar o espaço que, mesmo organizadas em propostas geométricas de linhas e diagonais, longe de instaurar um plano homogêneo e padronizado, comove o coletivo e provoca a singularidade de cada bailarina.

Essa comoção, entendida como um estado de afetação profunda que atravessa o corpo, é gerada pelo pulso, um princípio organizador na obra e uma chave de leitura que gera grande interesse em diversas áreas do conhecimento – da dança à filosofia. O pulso sustenta a estrutura, encadeia e mantém o movimento, modulando as intensidades e a viva relação entre corpo-espaço-corpos. Além de conceito que se realiza na esfera da fisicalidade, força interna que atravessa o corpo e sustenta a continuidade da ação, ele é também um princípio dialógico que reverbera e gera vínculos, um modo de estar no mundo, uma qualidade incorporada.

Mais do que um delicado equilíbrio de forças que envolvem de um lado músculos, tendões e ligamen-

tos que puxam e sustentam, e de outro, ossos que resistem, absorvem e distribuem as cargas – há um anseio interno por integração, uma energia vibrante que transforma a estrutura em expressão, o movimento em linguagem e significado. Como um brasileiro, Sahyoun convoca o grupo a entrar nesse pensamento dançado, comprometido com uma prática voltada não só para a forma, mas para a transformação. Não por acaso, os gestos e deslocamentos quebram lógicas lineares do espaço revelando uma dimensão fundante: a multidirecionalidade. Nela, frente e trás pouco interessam e o corpo habita 360 graus – uma espécie de estratégia, afinal, é preciso estar com os olhos em todos os lugares por todo corpo. Sabemos.

Nas coreografias de diagonais amplas e adensamentos, bailarinas se olham e se reconhecem em um belo campo coletivo de escuta. No alto e ao fundo, um imenso espelho inclinado em diagonal não apenas reflete a imagem da dança, mas a duplica, projetando o elenco em novas perspectivas, multiplicando as presenças e oferecendo à plateia uma paisagem quase alucinante de corpos e

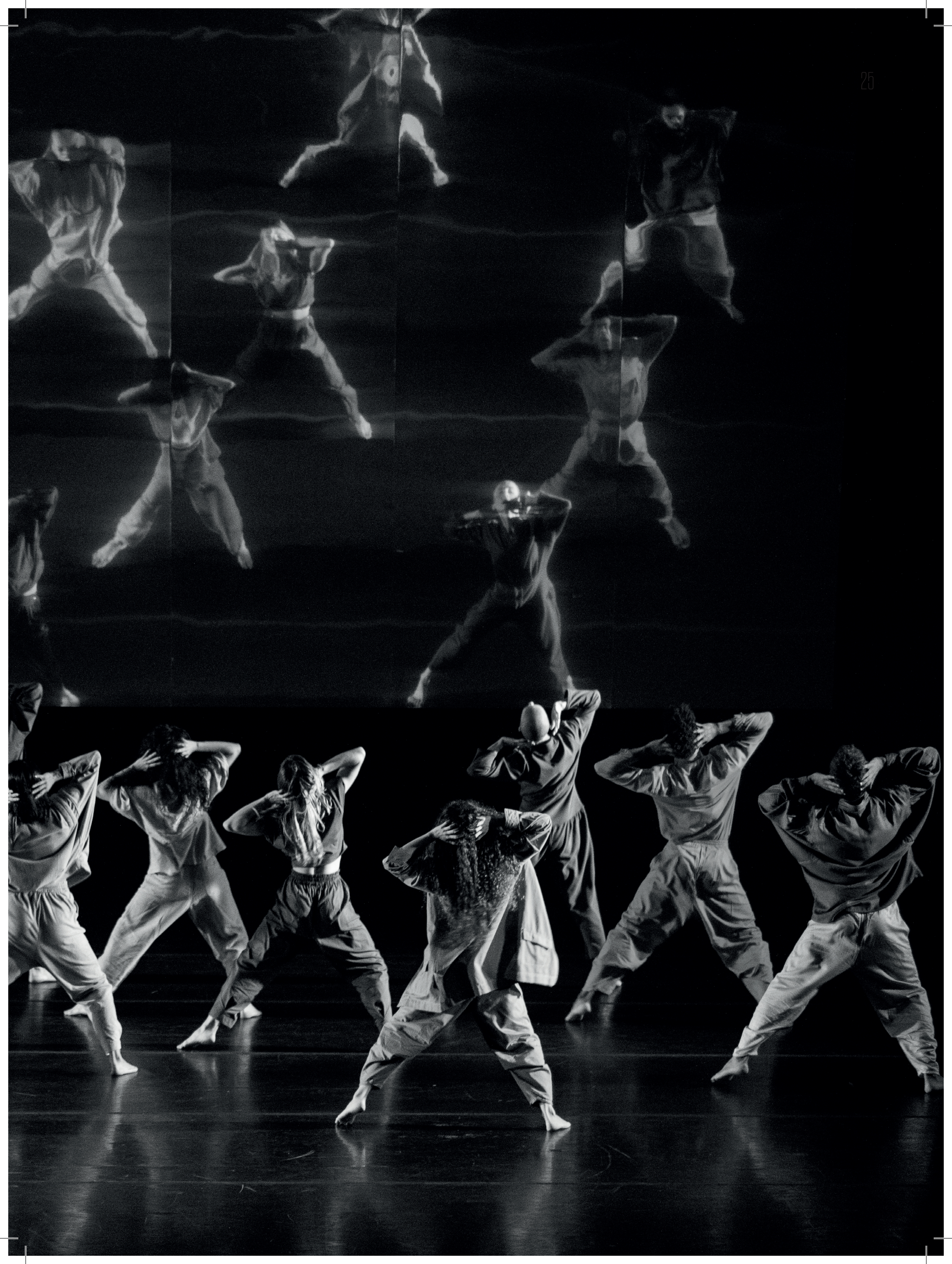
geometrias. O que era um grupo torna-se multidão – ou talvez, um Todo-Mundo ideia do pensador martinicano Édouard Glissant, que nos convida a imaginar um mundo radicalmente relacional no qual as identidades não são fixas, mas se constroem na troca, no encontro e na convivência com a diferença.

O gesto coreográfico de Rafaela Sahyoun carrega uma ética muito cara ao nosso tempo – a ética da escuta, do encontro e da presença encarnada. Ali, sentada no canto da sala de ensaio, eu observei seu modo de compor (ou cocompor com o grupo) e sua forma instigada de criar indissociável de sua própria história – memórias e afetos de corações migrantes libaneses, palestinos, brasileiros.

Lembro a cena final – categoricamente explosiva. Entre rebotes, fluxos, pulsos e suspensões, o elenco encontra o êxtase – não como fim, mas como ápice energético que impulsiona a continuidade. Uma tecnologia – artimanha que reabastece o ímpeto de criar no turbilhão deste mundo, tal como ainda está. Sendo assim, como não pulsar?







UM GESTO DE MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS DO CORPO NO ACERVO DO CTMSP

Rafael Domingos Oliveira
Coordenador do Núcleo
de Acervo e Pesquisa

Bruno Bortoloto do Carmo
Pesquisador do Núcleo de
Acervo e Pesquisa

HÁ DÉCADAS, muitos estudos têm demonstrado que a história é uma experiência indissociável do corpo – vive-se com, no e a partir dele¹. Entre muitas leituras possíveis, a dança teria o desafio de mobilizar essas vivências, transformando-as em expressões artísticas que ganham formas em coreografias. O nome “corpo artístico” é convencionalmente dado para o conjunto de pessoas que, coletiva-

mente, realizam apresentações de determinada linguagem. No Complexo Teatro Municipal de São Paulo (CTMSP) há seis deles, entre os quais o Balé da Cidade de São Paulo (BCSP) – formado por artistas que utilizam seus corpos para exprimir emoções e sentimentos, transformando-os em espetáculos de dança. Corpo como experiência singular e como experiência coletiva.

O ponto de partida para essa pesquisa foi questionar quem são as pessoas que constituem um grupo? Como um grupo reflete a diversidade dos sujeitos e

¹ Ver, entre outras, a conhecida coleção *História do corpo*, em 3 volumes, organizada pelos historiadores Alain Corbin, Georges Vigarello e Jean-Jacques Courtine (Editora Vozes, 2011).

agentes que o compõem? Como se dá, em um grupo, a relação entre o singular e o plural? E, para nós, Núcleo de Acervo e Pesquisa do Complexo Theatro Municipal de São Paulo (NAP), uma pergunta foi essencial: como destacar e refletir sobre essas questões a partir de documentos históricos?

Em diálogo com as propostas dramáticas e coreográficas de *BIOGLOMERATA* e *Fôlego* que, de um lado, utilizam memórias de danças, gestos e referências para interagir com a música e, de outro, incentivam a reflexão da condição dos indivíduos como sujeitos sociais, o NAP recuperou três depoimentos de uma bailarina e de dois bailarinos do BCSP realizados no contexto da pesquisa *Presenças Negras no Acervo do Complexo Theatro Municipal*, segundo volume da coleção *Índice de Fontes*, que gerou também a exposição *Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo*, em cartaz de dezembro de 2022 a março de 2023².



Yasser Alejandro Díaz Guillén. Foto: Stig Lavor, 2022. Acervo Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



Grécia Catarina. Foto: Stig Lavor, 2022. Acervo Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



Leonardo Muniz. Foto: Stig Lavor, 2022. Acervo Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Neste material, Yasser Alejandro Díaz Guillén, nascido em Cuba e ingresso ao Balé da Cidade em 2001; Grécia Catarina, natural de Belo Horizonte e integrante do grupo desde 2018 e Leonardo Muniz, baiano de Salvador (BA), que compõe o elenco desde 2018, contam suas trajetórias no mundo da dança contemporânea e no BCSP a partir das experiências de racialização, experiências percebidas, antes de tudo, através do corpo³.

As entrevistas foram feitas em diálogo com as técnicas de história oral. A riqueza de documentos como esses é inesgotável, pois se caracterizam por relatos pessoais marcados pela subjetividade, linguagem espontânea e pela interação entre entrevistador e entrevistado. Seu valor está em revelar experiências e perspectivas que, muitas vezes, não aparecem nos registros tradicionais da história. Como se vê, revisitar essas entrevistas hoje, a partir de novas perguntas, evidencia a força de sua

dimensão documental ao ampliar as possibilidades de compreensão tanto das experiências dos artistas quanto da trajetória da própria companhia.

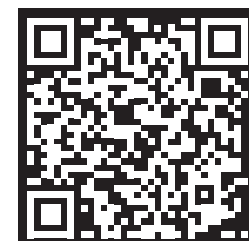
Em seu depoimento, Yasser traz sua percepção, enquanto jovem sobre seu corpo e como ele era colocado em questão. Ainda em Cuba: “Existiam certos conceitos e certas coisas que apontavam para o que um bailarino poderia fazer ou não, certos personagens que não poderíamos dançar em certos balés”.

Elementos similares são observados nas memórias de Leonardo Muniz: “Vim da dança contemporânea, da dança urbana”, dizia enquanto explicava sobre sua primeira escola não ter sido a clássica, mas que muitos amigos vinham dessa vertente e diziam nunca ter conseguido papéis de primeiro-bailarino por serem negros.

“Para a grande maioria, não é aceito um bailarino preto ser príncipe, mas por que não? Se nós somos descendentes de príncipes e princesas, reis e rainhas. Para nós é muito cômodo estar nesse lugar”.

A temática também atravessa a experiência de Grécia Catarina quando sublinha, em suas memórias, o universo da dança e sua “visão eurocêntrica” que muitas pessoas possuem. “Sempre esperavam de mim uma movimentação muito parecida com histórico de corpos brancos; era algo que não conseguia e não consigo reproduzir.”

“Meu corpo tem muito para entregar, mas nunca foi aceito durante a minha formação. Tive bolsa em uma escola de dança particular. Lá, a maioria das meninas era branca e as minhas professoras, muitas vezes, me pediam para me movimentar de uma forma mais eurocêntrica. De uma forma mais branca. **Para mim era conflituoso, porque eu tentava trazer uma delicadeza que não era do meu corpo, fazer de uma forma que não era minha, às vezes, até ter um formato de corpo que não era o meu.** Minha descendência negra tem muita musculatura. Eu tenho bunda, tenho coxa, tenho potência no movimento e isso nem sempre era bem visto e nem explorado”, conta a bailarina.



[Para acessar a entrevista com Yasser, Grécia e Leonardo, utilize o QR code]

² A exposição é um desdobramento da linha de pesquisa *Presenças Negras no Acervo do Theatro Municipal de São Paulo*. Para acessar o quarto volume da Coleção *Índice de Fontes* e o catálogo da exposição, utilize os QR Codes no fim do texto.

³ Os entrevistados autorizaram o uso de seus depoimentos para a elaboração deste texto.



Yasser Alejandro relembra as ausências de pessoas negras nos papéis de criação e concepção artística:

“Quando você chega aqui, no lugar como o Theatro Municipal de São Paulo, as pessoas, os coreógrafos, os diretores com os quais você trabalha, a maioria, carregam seus privilégios. **Não é um negro que está lá, que enfrentou a situação que você enfrentou. Não é essa pessoa que vai te dirigir e não é essa pessoa que vai te coreografar.** Essa pessoa já tem os seus próprios preconceitos, suas noções do que é feio, do que é bonito, do que é interessante para cena. Então, como se encaixar numa situação dessa? O preconceito existe, chamo de preconceito inconsciente, as pessoas não têm consciência disso! Somente quem vive sabe como é”, diz o cubano.

Leonardo Muniz reflete sobre a trajetória de bailarinos e bailarinas no início da formação:

“Esse papo que dá pra você competir com uma garota que entrou na escola aos dezesseis anos, com uma garota que entrou em uma sala de balé aos três anos não existe. É muito desleal e, não que a gente não consiga, mas falta muita infraestrutura da base para poder chegar lá”, afirma o bailarino.

Todas essas questões levantam a importância das referências – a temática da “representatividade”. Grécia Catarina conta que sua contratação aconteceu enquanto Ismael Ivo (primeiro e único homem negro que dirigiu o Balé da Cidade de São Paulo) era diretor do corpo artístico. “Isso me marcou muito. Até então, havia muito tempo que não tinha uma bailarina negra no corpo artístico. Foi uma grande realização ele ter me escolhido”.

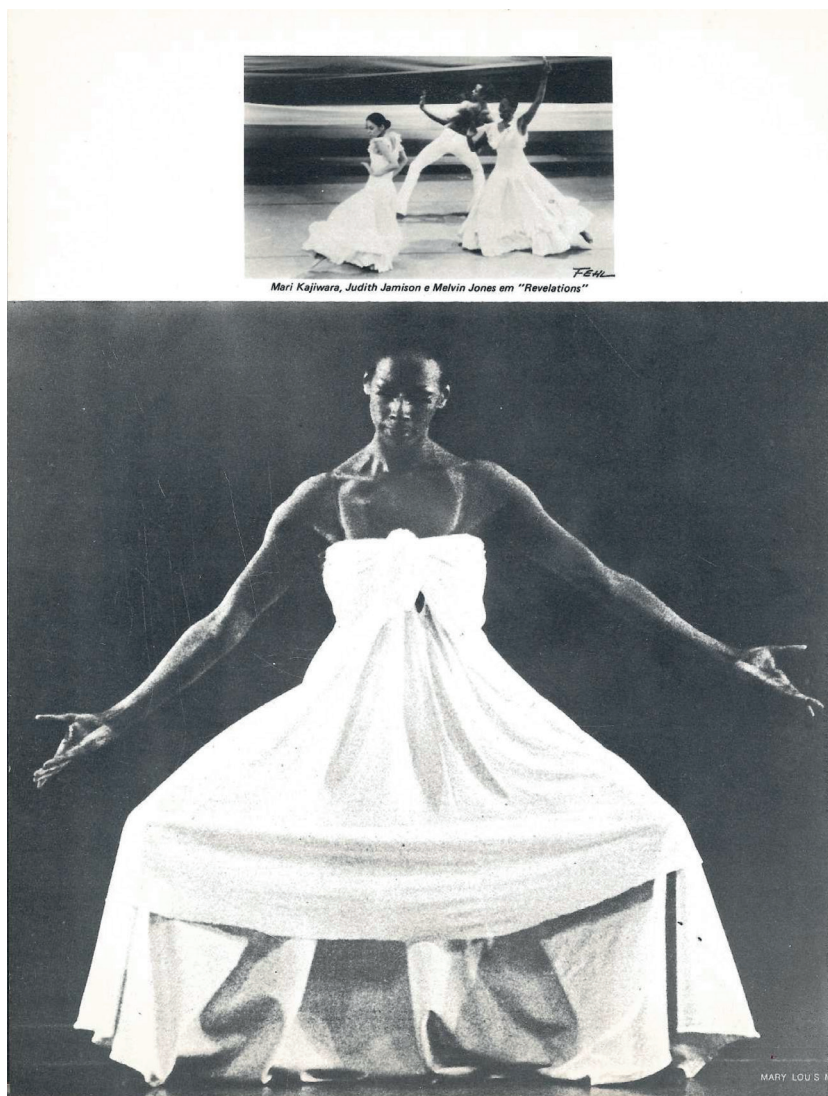
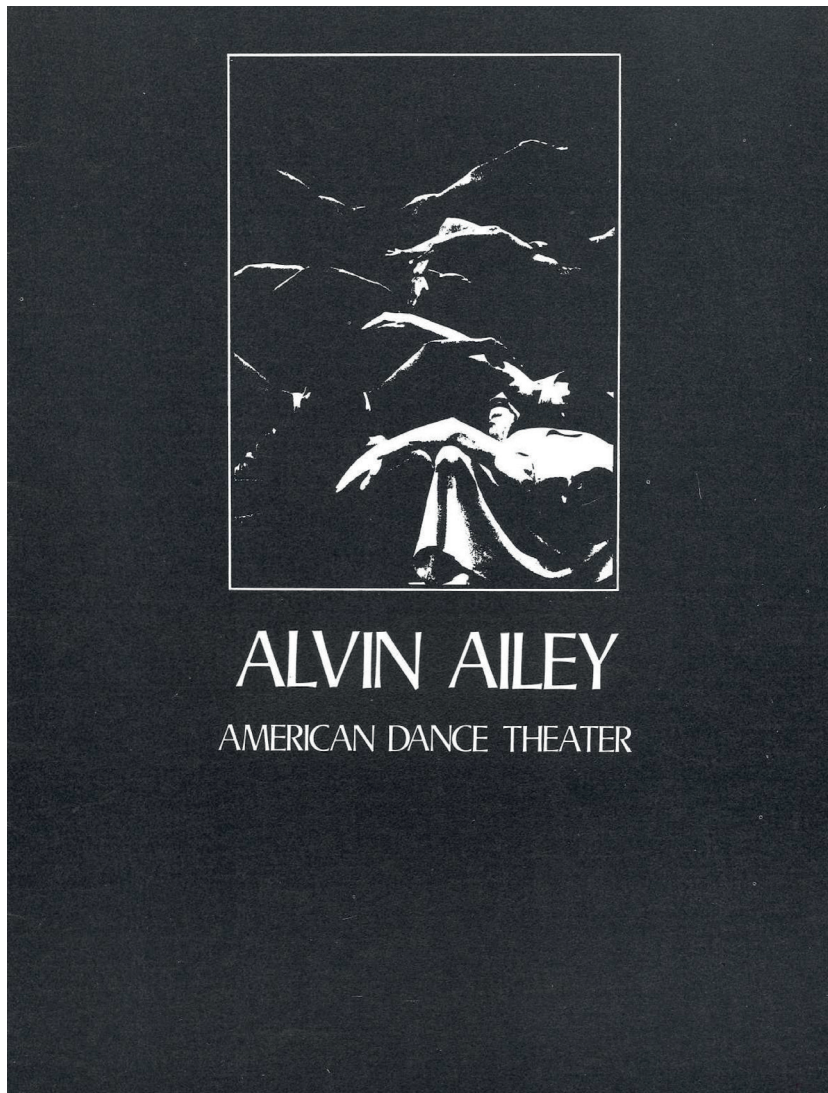
Através dos depoimentos, notamos a importância de ter e tornar-se referência, dentro e fora da companhia. Para Yasser, suas referências são os bailarinos Andres Williams e o colega de ofício Milton Kennedy. Já Grécia Catarina tem inspiração em artistas como Allan Faleri – coreógrafo e bailarino criador da obra *Muyrakytã*, estreada pelo Balé da Cidade em 2022. Leonardo

Yasser e Grécia em *Muyrakytã*.

Foto: Rafael Salvador, 2022. Acervo Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Muniz busca inspirar-se em pessoas a quem um dia assistiu como o próprio companheiro de profissão, Yasser.

Importantes nomes para representatividade negra na dança passaram pelo Theatro Municipal. Grécia lembra de Alvin Ailey que, em 1978, junto de sua companhia Alvin Ailey American Dance Theater, se apresentou no Theatro Municipal. Na época, sua temática de “negros norte-americanos a partir do blues, dos spirituals e dos evangelhos pregados nas igrejas negras do sul dos Estados Unidos” estava com bastante destaque. O programa da apresentação, parte do acervo do CTMSP, suscita exatamente o mesmo tipo de questionamento presente na reflexão de Grécia e dos outros entrevistados em seus depoimentos: qual o lugar ocupado (ou não) por artistas negros no balé?



Programa de Espetáculo. Alvin Ailey
American Dance Theater. 26 jun. 1978.
Acervo Centro de Documentação e
Memória – Praça das Artes – Complexo
Theatro Municipal de São Paulo.

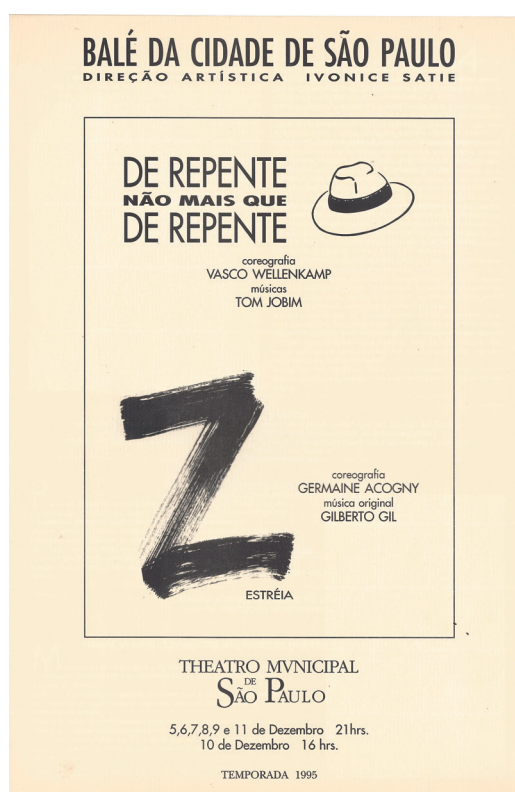
Nesse sentido, Yasser, em uma experiência mais pessoal, contou sobre a importância de ter dançado Z, da coreógrafa franco-senegalesa Germaine Acogny, criada para o BCSP e estreada em 19 novembro de 1995, às vésperas do dia da Consciência Negra. Uma homenagem a Zumbi dos Palmares, a criação teve presença marcante no repertório da companhia com diversas remontagens nos anos seguintes. Através dessas novas apresentações, Yasser teve a oportunidade de participar após sua entrada no BCSP nos anos 2000.

Essa rede de memórias e referências, construída a partir de trajetórias marcadas por experiências de racialização, levanta questões importantes para o futuro. Os sentidos das vivências de artistas negros no BCSP não se esgotam nessas três narrativas. Novos bailarinos e bailarinas integram a companhia hoje, também empenhados na construção de um coletivo mais plural. O Núcleo de Acervo e Pesquisa mantém seu compromisso com a preservação e a difusão do acervo do CTMSP, assim como com sua ampliação. Nesse processo, a metodologia da história oral tem se mostrado uma ferramenta fundamental para o registro dessas trajetórias, garantindo que pesquisadores do futuro tenham acesso a uma ampla gama de documentos para a análise da dança contemporânea no Brasil.

Programa de Espetáculo. Z. Coreografia: Germaine Acogny, dez. 1995. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo..



Z. Coreografia: Germaine Acogny, dez. 1995.
Foto: João Mussolin. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



Este texto integra as ações do **Núcleo de Acervo e Pesquisa (NAP)** em colaboração com o Balé da Cidade de São Paulo e apresenta ao público fragmentos históricos ligados às temáticas da atual temporada. A seleção é baseada em itens documentais do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, com destaque para a coleção do BCSP. Essa ação não apenas resgata momentos marcantes da história da companhia, como também amplia as formas de vivenciar e compreender o presente. O NAP é formado por uma equipe interdisciplinar dedicada ao desenvolvimento de estratégias de documentação, conservação preventiva e pesquisa do acervo, com o propósito de garantir sua preservação e difusão. Saiba mais sobre esse trabalho e acesse o Portal do Acervo por meio do QR Code abaixo.



Índice de Fontes



Catálogo da exposição



TEMPORADA 2025

BALÉ DA CIDADE

ago 2025
14 e 15 quinta e sexta 19h
16 e 17 sábado e domingo 16h

Antes da Cena: O que os Corpos em Cena Podem nos Contar para Além de suas Danças? **com Luiza Meireles**

Nesse encontro, diante de um programa que nos apresenta a força do coletivo em movimento, seremos instigados a refletir sobre a contribuição de narrativas de corpos diversos para uma dança comprometida com o mundo de hoje.

set/out 2025
18 de setembro a 18 de outubro

Turnê Balé da Cidade pela França

Em celebração ao Ano do Brasil na França, o Balé da Cidade de São Paulo apresentará *Réquiem SP*, de Alejandro Ahmed, *Fôlego* e *BOCA ABISSAL*, de Rafaela Sahyoun em diversas cidades francesas.





BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

O grupo foi criado em 7 de fevereiro de 1968 com o nome Corpo de Baile Municipal. Inicialmente com a proposta de acompanhar as óperas do Theatro Municipal de São Paulo e apresentar um repertório clássico, teve Johnny Franklin como seu primeiro diretor artístico. Em 1974, sob a direção de Antônio Carlos Cardoso, assumiu o perfil contemporâneo, que mantém até hoje. Em todos esses anos, o Balé da Cidade de São Paulo se definiu como um celeiro de novos vocábulos de dança, de inovação de movimento e criação de novas expressões artísticas. A carreira internacional da companhia teve início com a participação na Bienal de Dança de Lyon, na França, em 1996. A longevidade do grupo, o rigor e o padrão técnico do elenco e da equipe artística atraem os mais importantes coreógrafos nacionais e internacionais interessados em criar obras para a companhia.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Priscila Bomfim é a regente assistente da OSM.



ANDREA CARUSO SATURNINO

SUPERINTENDENTE GERAL
DO COMPLEXO
THEATRO MUNICIPAL

Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, diretora e curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real — Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc. Nomeada Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura da França em 2024, é membro da International Society for the Performing Arts (ISPA) e vice-presidente do Conselho Diretor da Ópera Latinoamérica (OLA).



ALEJANDRO AHMED

DIRETOR ARTÍSTICO DO
BALÉ DA CIDADE DE
SÃO PAULO

Alejandro Ahmed é coreógrafo autodidata, diretor artístico e performer do grupo Cena 11 Cia. de Dança, com o qual desenvolve uma técnica que visa à produção da dança em função do corpo e de suas extensões. Suas investigações trouxeram novas definições para o conceito de coreografia: expressões como “situação coreográfica”, “coreografia imaterial” e “dança generativa” nomeiam os campos de interesse de Alejandro Ahmed e guiam seu trabalho com o Cena 11. Suas novas proposições teórico-práticas estabelecem a tríade correlacional emergência-coerência-ritual que orienta seu trabalho. Suas obras já foram apresentadas em diversas cidades brasileiras e em países dos cinco continentes do mundo. Artista visionário, ao longo de sua carreira foi premiado quatro vezes pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), além de conquistar os prêmios Bravo, Sergio Motta de Arte e Tecnologia, Itaú Transmídia, Itaú Rumos Dança, Honra ao Mérito Cultural Cruz e Souza, além da Bolsa Vitae. Desde 2023, é diretor artístico do Balé da Cidade de São Paulo.

EQUIPE BALÉ DA CIDADE



ANA TEIXEIRA
ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Artista, professora universitária e pesquisadora. Doutora em comunicação e semiótica e filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professora do curso de comunicação das artes do corpo na PUC-SP. Sua pesquisa investiga as relações entre corpo, poder, dança, instituição pública e branquitude, abordando essas questões em palestras, cursos e congressos realizados em instituições públicas e privadas no Brasil e no exterior. Atuou como bailarina profissional, integrando, entre outras companhias, o Balé da Cidade de São Paulo e o Staatstheater Kassel (Alemanha). Foi diretora artística assistente do Balé da Cidade de São Paulo (2003-2009), integrante do Comitê Curatorial do Theatro Municipal de São Paulo (2022-2023) e membra da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de 2009 a 2015. Colabora artisticamente com artistas da cena independente nacional e internacional.



FERNANDA BUENO
COORDENADORA ARTÍSTICA -
ADMINISTRATIVA

Bailarina, coreógrafa, jornalista, curadora e gestora cultural. Formada pela Escola Municipal de Bailados de São Paulo, graduada em jornalismo e mestranda em gestão e políticas públicas na Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (FGV/EAESP). Atuou no Corpo de Dança do Amazonas, Cia. de Danças de Diadema, Núcleo Omstrab e Projeto Mov'ola. Desde 2008, integra o Balé da Cidade de São Paulo colaborando com coreógrafas e coreógrafos de destaque no cenário nacional e internacional. É diretora executiva da Axé No Corre Produções e do Instituto Artxs, além de cofundadora e vice-presidente do Museu de Arte a Céu Aberto. Recebeu o Prêmio Denílto Gomes (2020), O Pequeno Jornaleiro (2022) e foi indicada ao APCA Dança (2021).



CAROLINA FRANCO
COORDENADORA DE ENSAIO

Bailarina formada pela Escola Municipal de Bailado de São Paulo. Também tem formação em moda e pós-graduação em figurino, é ex-bailarina (2004-2013) e atual coordenadora de ensaio do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP). Foi assistente de coreografia da Abertura da Copa FIFA 2014, no Brasil. Atuou no musical *WICKED* e foi dance captain. Além disso, trabalhou como stage manager de balé, ópera, musical e eventos.

Bailarina formada pelo London Studio Centre (Londres) e professora de dança clássica e contemporânea. Atuou como bailarina no Balé da Cidade de São Paulo, no Ballet Stagium (São Paulo) e no Images of Dance (Reino Unido). Atualmente é coordenadora de ensaio do Balé da Cidade de São Paulo (BCSP).



ROBERTA BOTTA
COORDENADORA DE ENSAIO

Coordenador técnico, stage manager e produtor especializado em dança, ópera, concertos e artes cênicas. Integrou a equipe de direção de palco do Theatro Municipal de São Paulo entre 2016 e 2024. Desde 2017, coordena o setor. Atua como coordenador técnico do Balé da Cidade de São Paulo desde março de 2024.



GABRIEL BARONE
COORDENADOR TÉCNICO

Iluminadora cênica formada pelo Centro de Pesquisa Teatral (CPT-SESC) em 1996. Trabalhou com diretores teatrais consagrados como Antunes Filho e iluminadores como Davi de Brito. Desenhou luz de espetáculos teatrais, óperas e balés. Está na equipe do Theatro Municipal de São Paulo e na coordenação de iluminação do Balé da Cidade de São Paulo desde 2005, comandando as turnês internacionais.



SUELI MATSUZAKI
COORDENADORA DE ILUMINAÇÃO



FELIPE COSTA
PRODUTOR EXECUTIVO

Formado em produção cultural e estudou dança na ETEC de Artes. Atuou por 16 anos como membro do Grupo Teatral Saga na produção de teatro da cena independente através de editais e festivais. Esteve na produtora Conteúdo Teatral, administradora do Teatro UOL, de 2013 a 2016. Em seguida, passou a integrar a equipe de produção do Theatro Municipal de São Paulo.



LILIANE BENEVENTO
MÂÎTRE DE BALLET

Teve sua formação orientada por Halina Biernacka. Ao longo de sua carreira, participou de diversos cursos, entre eles o de técnica de balé clássico para professores na Joffrey Ballet School (Nova York), pelo qual recebeu o Certificate of Achievement. Atua como professora convidada em companhias de destaque no Brasil e no exterior.



BEATRIZ FRANCINI
PIANISTA

Formada em piano pelo Conservatório Marcelo Tupinambá e arte educação pela Faculdade Mozarteum. Estudou com o professor Antônio Bezzan e piano popular na Escola de Música de São Paulo (Emesp). Fez balé nas escolas Maria Olenewa e Halina Biernacka. Atuou como pianista na Escola de Bailados de São Paulo, Escola de Dança da Escola de São Paulo (Edasp) e em outras companhias de dança. Participou de espetáculos com a Intuição Cia. de Balé em 2024.

Formado em técnica de som no Instituto de Áudio e Vídeo (IAV 2009) e em sound design pela Escola Britânica de Artes Criativas e Tecnologia (EBAC).

Trabalha com a composição de trilhas sonoras e operação de som para espetáculos teatrais e musicais. Possui experiência em masterização, mixagem e sonorização de espetáculos em turnês nacionais e internacionais.



LEANDRO LIMA
TÉCNICO DE SONORIZAÇÃO

Historiadora licenciada em história pela Universidade Anhembi Morumbi e pós-graduada em gestão de documentos. Estudou teoria musical, solfejo e técnica vocal na Associação Coral da Cidade de São Paulo. Atuou como revisora de histórias e descrições no Museu da Pessoa.



LETÍCIA MANGINELLI
ASSISTENTE ADMINISTRATIVA

Atua como apoio técnico em iluminação em shows e espetáculos musicais. Também atuou como maquinista na Record TV. Formado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) no curso técnico de marcenaria, passou a exercer a atual função no Teatro Popular do Sesi em 1994 até 1999. No Theatro Municipal de São Paulo esteve na contrarregagem das óperas e do Balé da Cidade de São Paulo.

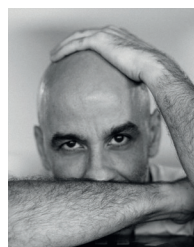


ALESSANDER RODRIGUES
CONTRARREGRA

Acesse o QRCode
e conheça a
equipe completa
do Balé da Cidade:



BIOGLOMERATA



CRISTIAN DUARTE
CENOGRAFIA, DIREÇÃO
E ESPAÇO CÊNICO

Cristian Duarte (São Paulo, 1973) é um coreógrafo paulistano cuja trajetória na dança inclui uma formação no Estúdio e Cia Nova Dança, em São Paulo, instituição reconhecida por sua contribuição com treinamentos de improvisação e pesquisa de dança na cidade. Em 2002, graduou-se na Performing Arts, Research and Training Studios (P.A.R.T.S.) em Bruxelas, na Bélgica, centro de referência internacional. Sua prática artística acontece também a partir da criação de contextos para experimentação e formação em dança. Entre suas iniciativas mais importantes estão projetos como *APT?*, *DESABA* e *LOTE/ZONA*, realizados em parceria com diversos artistas, nacionais e internacionais. Desde 2011, tem mantido uma relação estreita com a Casa do Povo, espaço cultural plural de São Paulo, onde atua como organismo residente. Tem sido convidado por diversas instituições de ensino, como DDSKS em Copenhagen, P.A.R.T.S. em Bruxelas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e DOCH/SKH, em Estocolmo. Coreografou para a Transitions Dance Company no Laban Center, em Londres, e para o Cullberg Ballet, em Estocolmo. Sua produção artística tem sido reconhecida pelos principais prêmios de dança do Brasil e é apresentada internacionalmente.



TOM MONTEIRO
COMPOSIÇÃO ORIGINAL PARA
ORQUESTRA E THEREMIN

Tom Monteiro, nascido em 30 de agosto de 1983, é um músico autodidata, designer de som e compositor brasileiro. Iniciou aos 11 anos como baterista e percussionista, aos 16 se envolveu com música experimental, explorando sintetizadores e gravadores. É graduado em comunicação e multimeios pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Colabora desde 2004 com artistas de teatro, performance e dança, desenvolvendo músicas e sonoplastias para expressivos coreógrafos brasileiros. Sua música de orientação minimalista reflete influências de Brian Eno, Steve Reich e John Cage, explorando narrativas não lineares e interações entre música, movimento e espacialidade.



CARLOS BAUZYS
ORQUESTRAÇÃO

Compositor, orchestrador, diretor musical e maestro de diversos espetáculos musicais no Brasil e nos Estados Unidos, Carlos Bauzys é mestre em composição para teatro musical pela renomada Tisch – New York University, onde conquistou bolsa integral. É codiretor musical do grupo Barbatuques. Para cinema e streaming, foi arranjador e diretor musical de filmes musicais e de *Uma Garota Comum*, série musical do Disney+.

Nascido em Ferrara, na Itália, Alessandro Sangiorgi é formado em piano e especialista em composição e regência pelo Conservatório de Milão, na Itália.

Regeu renomadas orquestras brasileiras, como Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), Sinfônica Brasileira (OSB), Sinfônica da USP, Sinfônica da Bahia e Orquestra Experimental de Repertório (OER), entre outras. Foi regente convidado principal da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Paraná e regente assistente da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM). Hoje, é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina (Osuel) e regente assistente do Coro Lírico Municipal.



ALESSANDRO SANGIORGI
REGÊNCIA

Aline Bonamin é dançarina e pesquisadora que vive e trabalha em São Paulo. É formada em dança (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Anhembi Morumbi. Desde 2012, trabalha em colaboração com os coreógrafos Cristian Duarte e Clarice Lima como dançarina e assistente de coreografia. Atualmente é mestranda em artes da cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



ALINE BONAMIN
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA

O Ateliê Vivo é um coletivo artístico transdisciplinar independente de práticas manuais têxteis, vestuário e educação. É coordenado por quatro artistas – Andrea Guerra, Carolina Cherubini, Flávia Lobo e Gabriela Cherubini –, que atuam desde 2015 na Biblioteca de Modelagem e com a criação de figurinos, cenografias, exposições e aulas. Participou da Biennial State of Fashion na Holanda, BIENALSUR na Argentina, A4 Residency Art Center na China e das residências no Lugar a Dudas/La Escuela na Colômbia. No Theatro Municipal de São realiza a ação Repertório das Mãos.



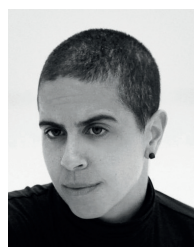
ATELIÊ VIVO
COLABORAÇÃO NO FIGURINO

André Boll assina projetos de luz desde 1990. A pesquisa por meios improváveis de iluminar e fontes não usuais é objeto constante de sua investigação. Longas parcerias com alguns artistas expressam, através de sua luz, sutis acordos estético-conceituais. Em 2006, foi contemplado com o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) na categoria Iluminação.



ANDRÉ BOLL
ILUMINAÇÃO

FÔLEGO



RAFAELA SAHYOUN
CONCEPÇÃO, DIREÇÃO
E COREOGRAFIA

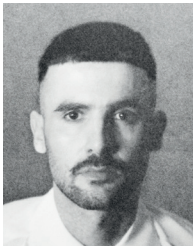
Rafaela Sahyoun, paulistana de ascendência árabe – libanesa e palestina –, reside entre São Paulo e territórios internacionais. É artista da dança e das matérias do corpo. Espirala entre o fazer coreográfico na cena como bailarina e no campo da educação. Formada pela SEAD – Salzburg Experimental Academy of Dance (AT, 2013) e pelo Trinity Laban (UK, 2009). Como educadora, desenvolve práticas pedagógicas aprofundadas e ampla facilitação. Atua internacionalmente em contextos de graduação e pós-graduação, companhias profissionais de dança e teatro, impactando a formação de novas gerações de artistas. Leciona na universidade PERA School of Performing Arts (CY) desde 2019, onde colabora com o plano pedagógico e com a concepção do programa de pós-graduação em coreografia. Desde então, vem criando obras coreográficas anualmente – a mais recente é *The Trouble Is Wildly Wet* (2024). Atua em parceria com instituições como Tanzfabrik (DE), Circuit-Est (CA), EBB (FR e ES), Plataforma de Educação e Pesquisa em Dança – Unplugged Dance (GR), o Programa de Pós-Graduação Corpo: Dança, Teatro e Performance do Célia Helena (BR), Atland Residency (US), Campus, C.E.M e Moot – The Movement Lab (PT), entre outras plataformas culturais e acadêmicas. É curadora artístico-pedagógica da 9ª edição do Festival Danspunt na Bélgica (2025). Dando continuidade às suas criações autorais, o ano de 2025 marca o nascimento da sua companhia de dança, intitulada ELETRO-RAIA, em coelaboração com Inês Galrão e Aline Santini, que se desdobra com artistas convidados. *BOCA ABISSAL* é sua segunda criação para o Balé da Cidade de São Paulo, sucedendo *Fôlego* (2022), obra que atualmente integra o repertório da companhia.



INÊS GALRÃO
ASSISTENTE DE CRIAÇÃO
E COREOGRAFIA

Inês Galrão é artista de dança, residente entre Portugal e Brasil. Os seus estudos artísticos iniciaram na música clássica, com passagem por orquestra, e ampliaram-se para a dança, a criação e a produção cultural. Desde 2016, trabalha como bailarina e dedica-se à coreografia e à investigação do movimento em projetos autorais e internacionais. A partir de 2020, colabora e cocria com Rafaela Sahyoun em obras como *VAWM* (2020), *Wheel of Radical Affection* (2021), *Something to Phase Us: Who Goes There* (2022), *NINGUÉM MESOLTA* (2022) – na qual atua também como bailarina –, *Yeah, I've Been Watching You Lately* (2023), *The Trouble Is Wildly Wet* (2024) e *C R U S H* (2024) – em que participa na cocriação e como bailarina –, bem como *Fôlego* (2022) e *BOCA ABISSAL* (2025), ambas para o Balé da Cidade de São Paulo. Em 2025, inaugura a companhia ELETRO-RAIA, em colaboração com Rafaela Sahyoun e Aline Santini, na qual Inês atua como assistente de direção e criação, além de bailarina.

Yantó tem graduação em música e mestrado em artes cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Participou do projeto OneBeat (EUA) em 2019. Canta, compõe, produz e performa. Nasceu em Bambuí (MG). Já colaborou com diversos artistas brasileiros de diferentes cenas. Desde 2012, lançou dois álbuns de longa duração e dois EPs, que combinam sonoridades da música popular brasileira e do pop experimental. Suas performances borram as fronteiras entre a música, a dança e o teatro.



YANTÓ
TRILHA SONORA ORIGINAL,
PRODUÇÃO MUSICAL E MONTAGEM
SONORA — INCLUI TRECHOS DE
OBRAS DE THE FIELD (AXEL WILLNER)

Graduada em artes visuais e pós-graduada em lighting design no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo em 2016, estudou com o fotógrafo Carlos Moreira e foi assistente do iluminador Wagner Pinto e do diretor Gerald Thomas. Trabalha com iluminação há 25 anos e já realizou trabalhos com grandes diretores, companhias, artistas de teatro, dança, ópera, performance e artes visuais em São Paulo. Também executa projetos de iluminação para exposições, além de atuar como performer, criar instalações visuais e realizar a direção cênica de espetáculos das artes do palco. Aline foi indicada duas vezes ao Prêmio APCA de dança e sete vezes ao Prêmio Shell na categoria Iluminação, indicação que lhe garantiu o prêmio em 2024 pelo espetáculo *Mutações*. Atualmente está indicada ao Prêmio Shell pelo espetáculo *Perfeita!*, com direção de Ulysses Cruz e dramaturgia de Samir Yazbek. Foi vencedora do Prêmio Denilto Gomes no ano 2017 com o espetáculo de dança *Shine*. Em 2019, foi uma das artistas selecionadas para representar o Brasil na Quadrienal de Praga. Já participou de festivais nacionais e internacionais de teatro e dança na Alemanha, Croácia, Argentina, Bolívia, Irlanda, França e em Portugal. Como educadora, ministra oficinas de iluminação cênica em oficinas culturais, no Sesc e na SP Escola de Teatro.



ALINE SANTINI
DESENHO DE LUZ

Designer, diretora criativa e empreendedora, formada em desenho industrial pela Universidade Mackenzie. Atua no mercado de moda há 24 anos. Iniciou sua carreira na Indústria têxtil, foi estilista de grandes marcas do varejo e atualmente está à frente do próprio ateliê, TELA STUDIO SP.



KARINA MONDINI —
TELA STUDIO SP
FIGURINO

ELENCO BALÉ DA CIDADE



ALYNE MACH



ANA BEATRIZ NUNES



ARIANY DÂMASO



BRUNO RODRIGUES



CAMILA RIBEIRO



CAROLINA MARTINELLI



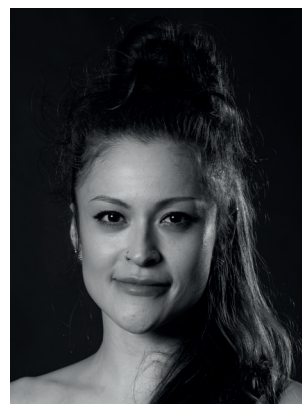
CLEBER FANTINATTI



CLÉIA SANTOS



ÉRIKA ISHIMARU



FABIANA IKEHARA



FABIO PINHEIRO



GRÉCIA CATARINA



GUTIELLE RIBEIRO



HARRY GAVLAR



ISABELA MAYLART



JÉSSICA FADUL



LEONARDO HOEHNE POLATO



LEONARDO MUNIZ



LEONARDO SILVEIRA



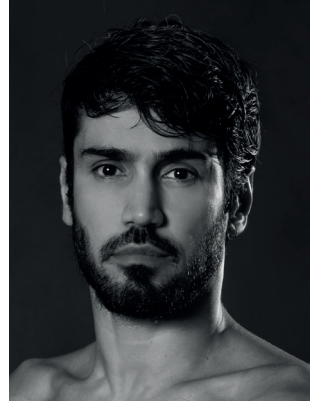
LUIZ CREPALDI



LUIZ OLIVEIRA



MANUEL GOMES



MARCEL ANSELMÉ



MÁRCIO FILHO



MARISA BUCOFF



ODU OFÁ



REBECA FERREIRA



RENATA BARDAZZI



MARINA GIUNTI



SAFIRA SACRAMENTO



SILVIA KAMYLA



UÁTILA COUTINHO



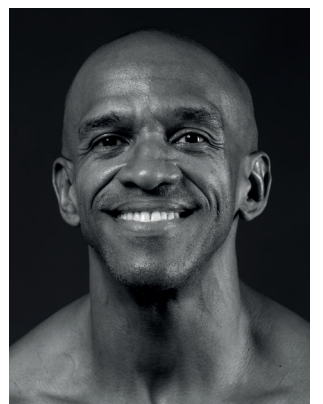
VICTOR HUGO



RENÉE WEINSTROF



VICTORIA OGGIAM



YASSER ALEJANDRO
DÍAZ GUILLÉN





Balé da Cidade de São Paulo

Diretor Artístico Alejandro Ahmed

Assistente de Direção Ana Teixeira

Coordenadora Artística-Administrativa Fernanda Bueno

Coordenação de Ensaio Carolina Franco e Roberta Botta

Coordenador Técnico Gabriel Barone

Coordenadora de Iluminação Sueli Matsuzaki

Maitre de Ballet Liliane Benevento

Produtor Executivo Felipe Costa

Pianista Beatriz Francini

Técnico de Som Leandro Lima

Contrarregista Alessandro Rodrigues

Assistente Administrativa Letícia Manginelli

Bailarinos(as) Alyne Mach, Ana Beatriz Nunes, Ariany Dâmaso, Bruno Rodrigues, Camila Ribeiro, Carolina Martinelli, Cleber Fantinatti, Cleia Santos de Sousa, Erika Ishimaru, Fabiana Ikehara, Fabio Pinheiro, Fernanda Bueno, Grécia Catarina, Gutierre Ribeiro Costa, Harry Gavlar, Isabela Maylart, Jéssica Fadul, Leonardo Hoehne Polato, Leonardo Muniz, Leonardo Silveira, Luiz Crepaldi, Luiz Oliveira, Manuel Gomes, Marcel Anselmé, Márcio Filho, Marina Giunti, Marisa Bucoff, Odu Ofá, Rebeca Ferreira, Renata Bardazzi, Reneé Weinstrof, Safira Santana Sacramento, Sílvia Kamyla Sousa Pinheiro, Uátilla Coutinho, Victor Hugo Vila Nova, Victoria Oggiam e Yasser Díaz

Bolsistas Dennys Roberty Evangelista, Geovanna Gabriela Siqueira, Laysla Ferreira da Silva e Nathália Cotrim

Fisioterapia Reactive*

Orquestra Sinfônica Municipal

Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Priscila Bomfim

Primeiros-violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla) *, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos-violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja e Ugo Kageyama **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão

Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt Lianna Dugan, Pedro Visockas e Roberta Marcinkowski **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raïff Dantas Barreto*, Fabricio Leandro Rodrigues, Mariana Amaral, Joel de Souza, Rafael Frazzato e Teresa Catto **Contrabaixos** Brian Fountain*, Gabriel Couto*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Paranhos e Walter Müller **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Alexandre Boccalari*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Vivian Meira **Trompas** Thiago Ariel*, Isaque Elias Lopes*, Eric Gomes da Silva, André Ficarelli, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Vagner Rebouças **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão*, Cássio Tavares, Jonathan Xavier e Marim Meira **Tuba** Luiz Serralheiro* **Harpa** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina **Tímpanos** Danilo Valle* e Márcia Fernandes* **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Coordenador Técnico** Carlos Nunes **Analista Administrativo** Barbarah Fernandes *Chefe de naipe **Músico convidado

Prefeitura Municipal de São Paulo

Prefeito Ricardo Nunes

Vice-prefeito Coronel Mello Araújo

Secretário Municipal de Cultura e Economia

Criativa José Antônio Silva Parente – Totó Parente

Secretária Adjunta Carol Lafemina

Chefe de Gabinete Rogério Custódio de Oliveira

Fundação Theatro Municipal de São Paulo

Direção Geral Abraão Mafra

Direção de Gestão Dalmo Defensor

Direção Artística Andreia Mingroni

Direção de Formação Leonardo Camargo

Direção de Produção Executiva Enrique Bernardo

Conselho Administrativo Sustenidos

André Isnard Leonardi (presidente), Carolina Gabas Stuchi, Claudia Ciarrocchi, Gabriel Fontes Paiva,

José Alexandre Pereira de Araújo, José Roque Cortese, Magda Pucci, Monica Rosenberg, Odilon Wagner e Renata Bittencourt

Conselho Consultivo Sustenidos

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Daniel Leicand, Gabriel Whitaker, Leonardo Matrone, Luciana Temer, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*), Paula Raccanello Storto e Wellington do Carmo Medeiros de Araújo

Conselho Fiscal Sustenidos

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

Sustenidos Organização Social de Cultura (Theatro Municipal)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa

Diretor Administrativo-Financeiro Rafael Salim Balassiano

Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas

Gerente de Controladoria Leandro Mariano Barreto

Contador Marcelo Francisco Rosa

Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira

Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon

Gerente de Mobilização de Recursos Marina Funari

Gerente de Tecnologia e Sistemas Yudji Alessandro Otta

Complexo Theatro Municipal de São Paulo

Superintendente Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva Valéria Kurji

Aprendiz Vitória Almeida de Moraes

Gerente de Produção/Programação Artística

Nathália Costa **Coordenadora de Produção**

Rosana Taketomi de Araujo **Equipe de Produção**

Carla Luiza Silveira Henriques, Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina Derio, Carolina Beletatto, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Eunice Baía,

Joana Leonor de Moura Rosa, Karine dos Santos, Laura Cibebe Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Marita Cunha Prado, Rodrigo Correa da Silva, Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva e Rosangela Reis Longhi **Aprendiz** Isabelly Souza Santos **Coordenadora de Programação Artística** Camila Honorato Moreira de Almeida **Equipe de Programação** Bruna de Fátima Mattos Teixeira, Isis Cunha Oliveira Barbosa, Maíra Scarello, Marcelo Augusto Alves de Araújo e Pedro Ferreira Guida **Bolsista** Vitória Santos Almeida da Silva **Aprendiz** Aline Nunes Gouveia

Supervisora de Figurino Luciana Conte Hadlich Santos **Equipe de Figurino** Alzira Campiolo, Fabiane do Carmo Macedo de Almeida, Geralda Cristina França da Conceição, Isabel Rodrigues Martins, Ivete Dias, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Aprendiz** Luisa Felix Fleck

Gerente Cenotécnico Aníbal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção Central Técnica** Laura de Campos Françoza **Equipe Central Técnica** Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Juliano Bitencourt Mesquita e Walamis Santos **Bolsistas** Alicia Esteves Martins, Ana Carolina Yamamoto Angelo, Azre Maria Ferreira de Azevedo, Caio Henrique Menezes de Oliveira, Gabriely Barbosa da Silva, Julia Cristina Lopes Elias Cordeiro de Oliveira, Larissa Gabriele Trindade de Souza, Paulo Victor Pereira de Souza, Rodrigo Luiz Santos Machado, Tamiris de Moraes Hirata, William França da Conceição Nascimento e Winícios Brito Passos

Gerente de Musicoteca Ruthe Zoboli Pocebon **Coordenador de Musicoteca** Jonatas dos Santos Ribeiro **Equipe de Musicoteca** Carolina Aleixo Sobral, Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Faglioni, João Marcos Lopes de Souza Miranda, Jonatas Ribeiro, Leonardo Serrão Minoci de Oliveira, Martim Butcher Cury e Monik Regina da Silva Freitas **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner **Aprendiz** Enzo Holanda

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes **Equipe de Formação, Acervo e Memória** Clarice de Souza Dias Cará e Stig Lavor

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisora de Educação** Dayana Correa

da Cunha **Equipe de Educação** Bianca Stefano Vyunas, Camila Aparecida Padilha Gomes, Diego Diniz Intrieri, Fernanda Keico de Oliveira Sugiyama, Gabriel Gerônimo Alves França, Gabriel Zanetti Pieroni, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Mateus Masakichi Yamaguchi e Monike Raphaela de Souza Santos **Estagiárias** Clara Carolina Augusto Garcia Gois e Sarah Graciano Lima **Aprendiz** Mariana Filardi

Coordenador de Acervo e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Andreia Francisco dos Reis, Bruno Bortoloto do Carmo, Rafael de Araujo Oliveira e Shirley Silva **Estagiários** Brenda da Silva Souza, Clara Carolina Augusto Garcia, Dam Baruch de Souza, Daniela Andressa Baez Garcia de Oliveira, Gabriela Eutran da Silva, Karina Araujo do Nascimento, Rayan Fernandes da Silva e Thalia Ariadna Silva de Andrade

Coordenador de Ações de Articulação e Extensão Felipe Oliveira Campos **Equipe de Ações de Articulação e Extensão** Renata Raíssa Pirra Garducci

Diretor Cenotécnico Sérgio Ferreira **Coordenador Técnico** Jonas Pereira Soares **Coordenador de Palco** Adalberto Alves de Souza **Equipe de Direção de Palco** Amanda Tolentino de Araújo, Diogo de Paula Ribeiro, Matheus Alves Tomé, Olavo Cadorini Cardoso, Samuel Gonçalves Mende, Sônia Ruberti e Vivian Miranda **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Anderson dos Santos Gasparotto, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Jorge de Carvalho, Igor Mota Paula, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Marcelo Evangelista Barbosa, Odilon dos Santos Motta e Ronaldo Batista dos Santos **Chefe de Contrarregragem** Edival Dias **Equipe de Contrarregragem** Luiz Carlos Lemes, Maicon Rodrigues Nagel, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Chefe de Montagem** Rafael de Sá de Nardi Veloso **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Marcus Vinícius José de Almeida, Nizinho Deivid Zopelaro e Pedro Paulo Barreto **Coordenador de Sonorização** Daniel Botelho **Equipe de Sonorização** André Moro Silva, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano

Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Rogerio Galvão Ultramari Junior **Coordenador de Iluminação** Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Danilo dos Santos, Fabíola Galvão Fontes, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes, Wellington Cardoso Silva e Yasmin Santos de Souza

Gerente de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Francielli Jonas Perpetuo, Guilherme Dias de Oliveira, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Laureen Cicaroli Dávila, Letícia Silva dos Santos, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso **Aprendiz** Thierry Henri Barbosa Carvalho

Gerente de Parcerias e Novos Negócios/Bilheteria Luciana Gabardo dos Santos **Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Daniel Selles, Raphael Augusto Duarte Batista de Nazaré, Thamara Cristine Carvalho Conde e Vitória Terlesqui de Paula **Aprendiz** Bianca Santos Andrade **Supervisor de Bilheteria** Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Bruna Eduarda Cabral da Silva, Claudiana de Melo Sousa, Flavia dos Santos da Silva e Maria do Socorro Lima da Silva **Aprendiz** Gabriel Sagitario Constancio

Supervisora de Atendimento ao Público Ana Claudia de Carvalho Lima Faria **Equipe de Atendimento ao Público** Ana Luisa Caroba de Lamare, Juliana da Silva, Marcella Relli e Rosimeire Pontes Carvalho

Coordenador de Planejamento e Monitoramento Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Milena Lorana da Cruz Santos e Thamella Thais Santana Santos **Aprendiz** Amanda Nascimento dos Santos

Coordenadora de Captação de Recursos Heloise Tiemi Silva **Aprendiz** Yasmin Antunes Rocha

Gerente Geral de Operações e Finanças Helen Márcia Valadares Meireles Carvalhaes **Assessora de Gerência** Fernanda do Val Amorim

Gerente de Patrimônio e Arquitetura Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Angelica Cristina Nascimento Macedo, Artur Ferreira de Brito, Fabiana de Almeida Costa, Juliana de Oliveira Moretti e Raísa Ribeiro da Rocha Reis **Aprendiz** Laura Silva dos Santos

Coordenador de Operações Mauricio Souza **Equipe de Facilities** Carolina Ricardo e Leandro Maia Cruz **Aprendiz** Emilly Santos Silva

Coordenador de Manutenção Predial Elias Ferreira Leite Junior **Equipe de Manutenção Predial** Gustavo Giusti Gaspere, Leandro Maia Cruz e Pedro Henrique de Campos Lima **Aprendiz** Lucas Cerqueira Vieira

Equipe de TI Carlos Eduardo de Almeida Ferreira e Romário de Oliveira Santos **Aprendiz** Karina da Silva Sena

Supervisora Financeira Jéssica Brito Oliveira **Equipe de Finanças** Christie Fernando de Oliveira Souza, Fernanda Estrela de Souza, Marília Durães Teixeira e Rosilene Costa dos Santos **Equipe de Controladoria** Erica Martins dos Anjos

Coordenador de Compras e Suprimentos Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Compras e Suprimentos** Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino **Aprendizes** Larissa Cardoso Saviolli e Suiany Olher Encinas Racheti

Supervisora de Logística Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa **Equipe de Logística** Arthur Luiz de Andrade Lima, Guilherme Ferreira dos Santos, Lucas Lima Vieira e Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Douglas Bernardo Ribeiro e Lucas Serrano Cimatti **Aprendizes** Lucas Ferreira da Silva, Pedro Henrique Lima Pinheiro e Saulo Sousa de Lira

Gerente de Recursos Humanos Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Amanda Alexandre de Souza Mota, Janaina Aparecida Gomes Oliveira, Letícia Silva de Oliveira, Natali Francisca Vieira dos Santos, Priscilla Pereira Gonçalves e Zenite da Silva Santos **Aprendiz** Maria Vitória Lima do Nascimento

Coordenador de Saúde e Segurança do Trabalho Edson Alexandre Moreira **Equipe de Saúde e Segurança do Trabalho** Mateus Costa do Nascimento e Tamires Aparecida de Moraes Lanfranco Pires

Expediente da Publicação

Design e Diagramação Winnie Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Edição de Conteúdo e Entrevistas Guilherme Dias / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Revisão Cíça Correa

Produção Gráfica Karoline Marques e Winnie Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Fotos Larissa Paz, Rafael Salvador e Stig Lavor

Informações e ingressos:
theatromunicipal.org.br

Acompanhe nossas redes sociais:

Theatro Municipal

f @theatromunicipalsp

@ @theatromunicipal

d @theatromunicipal

Praça das Artes

f @pracadasartes

@ @pracadasartes

Municipal Online

y /theatromunicipalsp

Para uma experiência segura,
confira o manual do espectador, disponível em:
theatromunicipal.org.br/manualdoespectador

O Theatro Municipal de São Paulo conta com você para
aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:
escuta@theatromunicipal.org.br
e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

Ingressos
R\$11-92

Classificação indicativa
livre

Theatro Municipal
Sala de Espetáculos

Para contratar o Balé da Cidade de São Paulo, entre em
contato através dos e-mails:

programacao@theatromunicipal.org.br

producao@theatromunicipal.org.br

TEMPORADA 2025

POÉTICA DE TODO MUNDO



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



patrocínio:



realização:



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
SECRETARIA DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA

MINISTÉRIO DA
CULTURA



